

OUTRO OLHAR SOBRE AS CRIANÇAS: EMERGÊNCIA, DESENVOLVIMENTO E NOVAS PERSPECTIVAS PARA A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA¹

*Viviane Fernandes Faria PINTO**
*Fernanda MÜLLER***

Qvortrup (1987) e Corsaro (1997) sugeriram que crianças e infância foram, em certa medida, historicamente negligenciadas pelas Ciências Sociais. Contudo, é de amplo reconhecimento que nos últimos trinta anos a infância se consolidou como objeto de atenção das Ciências Sociais, especialmente, com o surgimento da Sociologia da Infância (MONTANDON, 2001; SIROTA, 2001). Este campo reconheceu as crianças como agentes e a infância como um fenômeno social.

Com o intuito de contribuir para a compreensão do contexto de desenvolvimento dessa área de estudo é que se insere o livro *A History of the Sociology of Childhood*, de autoria de Berry Mayall (2013), professora de Estudos da Infância, do Instituto de Educação da Universidade de Londres. Mayall (2013) escreve com a prerrogativa de quem esteve envolvida com a emergência e consolidação do campo e resgata, para a construção dessa história, estudos de vários centros de pesquisa do mundo. Dividido em seis seções, além de introdução e considerações finais, o livro tem por objetivo oferecer elementos sobre o desenvolvimento da compreensão sociológica da infância. A autora expõe como a Sociologia da Infância surge por meio do movimento de ideias e na interface com outras áreas de conhecimento, como a Psicologia e a Antropologia. O livro ainda trata da construção da Sociologia da Infância em períodos e em contextos

* INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. Brasília – DF – Brasil. 72000-000 - viviane.educ@gmail.com.

** UnB – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília – DF – Brasil. 70910900 - fernanda.muller@gmail.com.

¹ Resenha da obra: MAYALL, B. **A History of the Sociology of Childhood**. Londres: IOEPress, 2013.

específicos, como nos Estados Unidos e no Reino Unido, indicando novas abordagens e caminhos para o desenvolvimento do campo.

A primeira seção, *The importance of developmental psychology in shaping childhoods*, se atém às contribuições da Psicologia do Desenvolvimento na formação do conceito de infância. Embora a autora reconheça que diversas disciplinas têm interesse pela infância, argumenta que é necessário compreender como a Psicologia tratou as crianças. A infância tornou-se tema de grande interesse no final do século XIX pela entrada das crianças na escola e pela expansão do processo industrial na Europa. Do ponto de vista acadêmico, cresceu o interesse pelo estudo das crianças pela possibilidade de se compreender a influência da herança genética ou do ambiente no desenvolvimento humano. Partindo da ideia de que as crianças forneceriam um caminho para a compreensão dos adultos, esses estudos seguiram um conceito de desenvolvimento linear na tentativa de identificar padrões de desenvolvimento, também por influência da teoria evolucionista de Charles Darwin. A Psicologia, por oferecer um tipo de conhecimento sobre as crianças que favorecia essa visão, legitimou-se como a principal disciplina explicativa da infância.

A segunda seção, *Precursors of sociological approaches to childhood – especially in the USA*, trata de uma aproximação sociológica à infância nos Estados Unidos. Os argumentos desta seção se alinham aos de Montandon (2001), que observou o interesse dos pesquisadores estadunidenses pelo estudo sociológico da infância nos anos 1920 e 1930 e o seu declínio, o que resultou em um hiato na produção sociológica sobre a infância. Montandon (2001) mostra que esse fato pode ser atribuído especialmente a duas causas, quais sejam: o prestígio alçado pela Psicologia e o declínio da Escola de Chicago. Mayall (2013) adverte que a predominância dos estudos da infância de base psicológica refletiu a lenta resposta dos Estados Unidos à Sociologia da Infância que já vinha sendo desenvolvida na Europa. Apesar disso, três centros de pesquisa estadunidenses foram pioneiros na conexão de infância e Sociologia: a proposta multidisciplinar da Universidade Rutgers; os estudos de William Corsaro na Universidade de Indiana; e as pesquisas lideradas por Barrie Thorne na Universidade da Califórnia, em Berkeley². Nesta mesma seção, a autora ainda argumenta que entre 1960 e 1970 as críticas à predominância da Psicologia no estudo das crianças se intensificaram, especialmente pela sua visão a-histórica e descontextualizada. Talvez em decorrência dessas críticas, algumas linhas investigativas da Psicologia do Desenvolvimento

² Ainda que Mayall não o tenha mencionado, entendemos que nos EUA é justo reconhecer ainda a importante contribuição para os estudos da infância do *Center for Language, Interaction, and Culture* (CLIC / Universidade da Califórnia, em Los Angeles, especialmente a produção de Elinor Ochs, Marjorie H. Goodwin e Tania Stivers.

abandonaram o laboratório e passaram a investigar as crianças em atividades cotidianas. A nova abordagem mostrou que o contexto social era constituído também pelas interações sociais, o que deu novo foco à criança enquanto um ser interativo e social. A Antropologia também teve um papel significativo na emergência de novos olhares para a infância por meio de estudo de crianças e jovens em sociedades tradicionais. Um exemplo retomado foi o estudo de Margaret Mead em Samoa, que contrariou uma ideia universalista da adolescência como um estágio problemático da vida.

Na terceira seção, *Sociological approaches to childhood in the UK – early days*, Mayall (2013) explica o processo de aproximação da Sociologia à infância no Reino Unido. Para isso, explora algumas subáreas das Ciências Sociais, tais como: a Sociologia Médica; Estudos Feministas; Estudos Históricos e Etnográficos. A autora afirma que entre 1970 e 1980 houve considerável apoio à ideia de que as crianças deveriam ser concebidas como sujeitos ativos. Neste período, a Sociologia Médica começou a se interessar pelas crianças e se propôs a investigar as relações de poder nos encontros entre médicos e pacientes. Embora o interesse principal estivesse centrado nos adultos, alguns estudos passaram a observar como crianças se posicionavam nesses encontros. Atribui à Margaret Stacey uma importante contribuição ao questionar a visão de paciente e propor a condição de sujeitos ativos na própria cura, o que fundamentou estudos posteriores sobre a agência de crianças em hospitais³.

No que se refere aos Estudos Feministas e sua relação com a infância, Mayall (2013) afirma que houve cautela devido ao desafio diante do pressuposto de que mulheres seriam cuidadoras naturais de crianças. Embora as crianças tivessem sido tomadas como adversárias em um momento inicial, os Estudos Feministas colaboraram para o conceito de crianças e de infância diante da importância da relação mãe-criança nas experiências femininas. Além disso, o desenvolvimento massivo de instituições de Educação Infantil na Europa colocou a mulher em uma posição-chave para discutir o que a sociedade oferecia à infância, assim como a divisão de responsabilidades no cuidado com as crianças. Os Estudos Históricos e Etnográficos, também, assumiram uma posição de destaque na percepção das diferentes infâncias. Um exemplo foi o estudo do historiador francês Philippe Ariès que mostrou como o conceito de infância foi construído com o passar dos séculos e a contribuição de Viviana Zelizer, que estudou como as crianças foram excluídas da vida pública e relegadas a permanecerem em casa e na escola nas cidades americanas.

³ Acrescentamos que no Reino Unido, Priscilla Alderson colaborou para o desenvolvimento do campo a partir de suas pesquisas com crianças em hospitais.

Na quarta seção do livro, *Childhood sociology in (other) north European countries*, a autora analisa o desenvolvimento da Sociologia da Infância em outros países europeus, como os Escandinavos e a Alemanha. Destacamos do apanhado um estudo realizado na Alemanha durante a década de 1970 no qual um grupo de sociólogos estudou duas gerações de crianças, uma nascida próximo ao início da 2ª Guerra Mundial e a outra nascida nos anos de 1960.

Enquanto o pós-guerra foi um período conservador, na década de 1960 houve avanços rumo à democratização. A pesquisa, que tinha a intenção de descobrir como características macroestruturais influenciavam as experiências de infância, percebeu que os movimentos políticos e sociais influenciaram aquelas gerações. Os sociólogos alemães foram talvez os primeiros a relatar pesquisas sobre o cotidiano e a perspectiva das crianças acerca da estrutura social. Esse estudo, que permaneceu publicado apenas na Alemanha até 1990, apresentou as interconexões de níveis de relações geracionais ao nível pessoal e familiar e ao nível estrutural.

Outra investigação destacada é a *Childhood as a Social Phenomenon*, conduzida por Jens Qvortrup, entre 1987 e 1992, em 16 países. A investigação permitiu uma série de publicações sobre temas relacionados à Economia, à justiça, e à infância enquanto grupo social e geracional. O trabalho de Qvortrup mostrou que as crianças que sempre contribuíram nas tarefas econômicas estavam agora direcionadas às atividades escolares. Este estudo trata da agência das crianças em torno do próprio aprendizado, ideia que desafiou as noções tradicionais de socialização.

A quinta e mais densa seção do livro, *Current UK work on the sociology of childhood*, explora temas de estudo mais recentes na Sociologia da Infância. Entre aqueles tratados no livro, destacamos: os direitos das crianças; a relação entre corpo e infância; globalização e infância; e infância e mídia. Uma questão importante que impulsionou estudos empíricos com crianças no final dos anos de 1990 no Reino Unido foi o financiamento *ESRC Programme - Children 5-16*⁴. Os 22 estudos vinculados ao programa oportunizaram uma visão das crianças enquanto agentes sociais. Ao abordar a questão das metodologias, a autora afirma que nos últimos 15 anos houve um desenvolvimento de técnicas específicas e de procedimentos éticos adotados nos estudos com crianças no Reino Unido. Este desenvolvimento pode ser percebido como resultado dos vários estudos derivados da Convenção sobre os Direitos da Criança e do aumento considerável de cursos voltados ao estudo da infância nas universidades. Um ponto relevante no processo de consolidação da Sociologia da Infância encontra-se nos métodos mais adequados para garantir a participação efetiva das crianças em todas as fases

⁴ Na década de 1990 houve uma linha de financiamento do *Economic and Social Research Council* (ESRC) para estudos focados em crianças e jovens com idades entre 5 e 16 anos que investigaram temáticas como a relação adulto-criança, mudanças na família, entre outros.

de um estudo. Quanto à coleta de dados, muitos pesquisadores têm considerado a possibilidade de participação das crianças. Todavia, a questão central que se coloca é sobre a indubitável diferença de poder entre adultos e crianças, especialmente na fase de interpretação e disseminação dos dados. Tratando brevemente desta questão, Mayall (2013) cita Mandell que sugere que o pesquisador adote um papel menos adulto, estratégia também reconhecida por Corsaro (1997) em seus estudos, por meio da postura de adulto atípico. Contudo, Mayall (2013) nos adverte que outros pesquisadores têm críticas ao uso de tais estratégias. Apesar disso, destaca que atualmente ideias relacionadas à participação de adultos e crianças em pesquisas avançaram e já envolvem a participação efetiva de crianças no delineamento das questões de pesquisa e na disseminação de resultados. Outros tópicos abordados na quinta seção referem-se a questões como o corpo; a relação com as mídias; a globalização e o espaço geográfico. A autora nos informa que, por meio de uma analogia à manipulação do corpo feminino proposto pelos estudos de gênero, pesquisadores procuraram compreender como os corpos infantis são vistos e gerenciados. Na relação entre crianças e mídia, pesquisas indicam como as crianças utilizam a mídia no exercício de relações de poder entre pares e entre gerações e também para o entretenimento.

Novas áreas de pesquisa têm acompanhado as mudanças tecnológicas de comunicação com interesse especial na mídia global, que prevê investigações sobre a relação das crianças com a Internet, as redes sociais e os videogames nas sociedades. Quanto à relação entre globalização e infância, Mayall (2013) a entende com base em três aspectos: o primeiro considera os efeitos exercidos por forças externas de ordem política, econômica e social que modificam as condições de vida em uma determinada sociedade. O segundo refere-se à influência de documentos internacionais que apresentam visões particulares e normatizadoras sobre a infância. O terceiro aspecto aborda os movimentos migratórios e o papel ativo desempenhado pelas crianças nas relações intergeracionais nestes contextos.

Finalmente, na sexta seção do livro, *Other recent developments*, a autora apresenta o atual *status* da Sociologia da Infância e alguns estudos em diferentes países do mundo, dentre eles: Finlândia, Austrália, França, Itália, Alemanha, Romênia, Holanda, Portugal e Brasil⁵, indicando um expansivo interesse pela Sociologia da Infância a partir dos anos de 1990.

Nas conclusões Mayall (2013) pondera sobre a importância de uma atenção sociológica à infância. Para a autora, uma compreensão apropriada sobre o

⁵ No Brasil o interesse sociológico pela infância também apresenta rupturas. Fernandes (1961) foi pioneiro com um estudo sobre brincadeiras de rua nos anos de 1940. Nos anos 1980 Martins (1993) analisou a infância junto a grupos de migrantes. A partir dos anos 2000 trabalhos passam a ser desenvolvidos de forma mais sistemática.

funcionamento da sociedade demanda a inclusão de conhecimentos sobre todos os seus membros. Assim, é necessário considerar como as crianças se constituem como parte da estrutura social, como participam e colaboram para manter e desenvolver as sociedades. Outra questão destacada é a tendência de superação da dicotomia entre Sociologia da Infância e Psicologia do Desenvolvimento, com vistas a se alcançar uma compreensão mais global sobre a infância.

Ressaltamos que o livro oferece elementos esclarecedores sobre os movimentos que impulsionaram a emergência da Sociologia da Infância. A autora situa o leitor com relação aos principais conceitos e fundamentos do campo ao mesmo tempo em que indica os contextos que possibilitaram o seu surgimento. Consideramos, portanto, uma obra significativa e a sua leitura recomendável para todos aqueles que investigam a infância ou se interessam em compreender o papel das crianças na sociedade.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W. A. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge Press, 1997.

FERNANDES, F. As ‘Trocinhas’ do Bom Retiro. In: _____. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Anhambi, 1961. p.153-256.

MARTINS, J. S. Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida. In: _____. **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993. p.51-80.

MAYALL, B. **A history of the sociology of childhood**. Londres: IOEPress, 2013.

MONTANDON, C. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.112, p.33-60, mar. 2001.

QVORTRUP, J. Introduction. **International Journal of Sociology**, [S.l.], v.17, n.3, p.3-37, 1987.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.112, p.7-31, mar. 2001.

Recebido em 20/07/2015.

Aprovado em 23/05/2016.